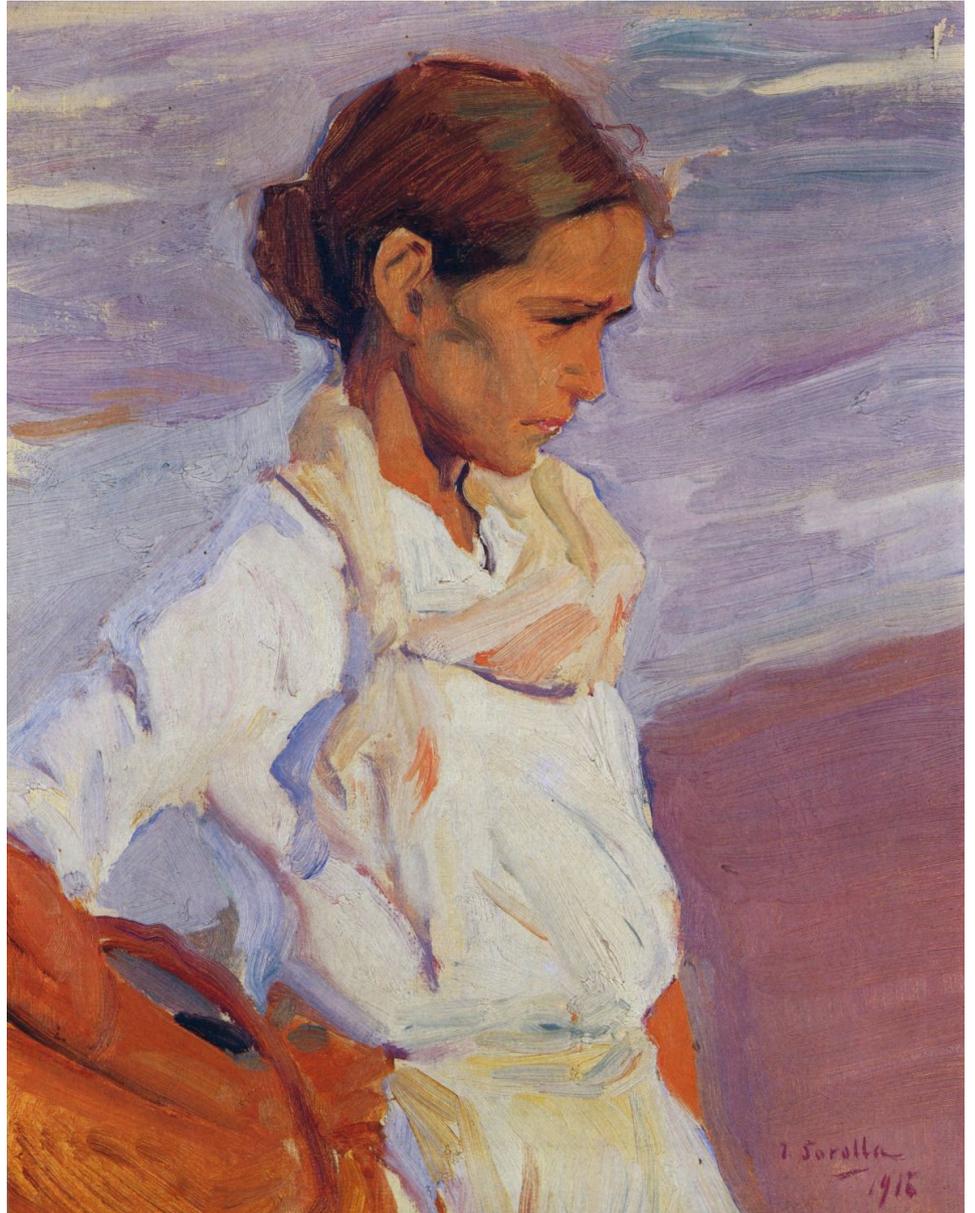
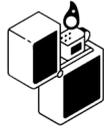




PROMETHEUS





PROMETHEUS

revista literária

Fevereiro 2021
— 8ª edição



PROMETHEUS

Prometheus

(em grego: Προμηθεύς, Promēthéus, “antevisão”)

Na criação, foi atribuído aos irmãos Prometheus e Epimetheus a distribuição das qualidades pelos seres mortais. Epimetheus pediu ao seu irmão para o fazer e no fim, Prometheus faria a revisão – então Epimetheus distribuiu sobre os animais as demais qualidades de maneira a que determinadas características positivas compensassem as negativas para que os mortais pudessem sobreviver às estações dos deuses, mas esqueceu-se do homem.

Quando Prometheus fez a revisão verificou que todos os animais estavam compostos menos o homem, que era o único que estava nu diante os demais. Prometheus decidiu então roubar de Hefesto o fogo e de Atena a sabedoria das artes e dá-los ao homem mortal para que este pudesse sobreviver. Quanto a Prometheus, foi condenado por Zeus a ser preso a uma pedra, junto de um abutre que de dia de bicava o fígado e durante a noite se regenerava.



PROMETHEUS

Fevereiro 2021 — 8ª edição

POESIA

Carolina Gramacho, <i>[ninguém me quer tirar as mãos deste peitoril...]</i>	nr. 7
Carolina Gramacho, <i>Vale dos Ventos</i>	nr. 8
Carolina Gramacho, <i>[a afirmação e a frase...]</i>	nr. 9
Carolina Gramacho, <i>confiar em mulheres</i>	nr. 10
Albano Coelho, <i>Taciturno</i>	nr. 11
Albano Coelho, <i>Termos termos</i>	nr. 12
Artur Olmeiro, <i>[o melhor...]</i>	nr. 13
Artur Olmeiro, <i>[odeio conversas de café...]</i>	nr. 18
Márcio Luís Lima, <i>em isolamento — retratos</i>	nr. 23
M. C. Scorza, <i>Máscara de Gesso</i>	nr. 32
M. C. Scorza, <i>Quando o Dia Vira Noite</i>	nr. 34
M. C. Scorza, <i>A Flor e os Dois Poetas</i>	nr. 36
Tiago Gaspar, <i>O preço de ser (parte 5)</i>	nr. 38
Carolina Almeida, <i>Crescer para além da dor</i>	nr. 43
Rafael Jesus, <i>[No sítio certo por pouco tempo...]</i>	nr. 44
Bárbara de Almeida Conde, <i>Sentimentos Fantasma</i>	nr. 45
Sofia Estopa, <i>Fumo um cigarro por cada beijo que não me das</i>	nr. 46

TEXTOS

Márcio Luís Lima, <i>a noite, justamente</i>	nr. 48
Leonor Ferreira, <i>Papoila</i>	nr. 52
Ernesto Gonzo, <i>cadernos subversivos #2</i>	nr. 53



PROMETHEUS

M. C. Scorza, <i>Estranhos</i>	nr. 64
M. C. Scorza, <i>Essa aqui é sua perna ou minha?</i>	nr. 66
M. C. Scorza, <i>Chegou à porta de sua casa</i>	nr. 67
M. C. Scorza, <i>Conveniência</i>	nr. 68
M. C. Scorza, <i>Onomatopeias Boêmias</i>	nr. 73
Tiago Gaspar, <i>Prosa sobre São Pedro</i>	nr. 75
André Campaniço, <i>Um amante esgueira-se pela rua</i>	nr. 77
Sofia Estopa, <i>Deve ser difícil compreender um poeta</i>	nr. 79

ARTIGOS DE OPINIÃO/ CRÔNICAS

Márcio Luís Lima, <i>O Valor Epistolográfico</i>	nr. 83
Beatriz Rodrigues, <i>À beira do Admirável Mundo Novo</i>	nr. 85
Sofia Estopa, <i>Amém à sociedade suja</i>	nr. 88

CRÍTICA

Márcio Luís Lima, <i>Preferia não o fazer.</i>	nr. 91
Márcio Luís Lima, <i>Como inverter uma esfera?</i>	nr. 93
Carolina Almeida, <i>“Diários” de Virginia Woolf</i>	nr. 95

poesia



PROMETHEUS

Vale dos Ventos

Carolina Gramacho

faz vento na europa e caem
folhas de árvores
com versos teus
no meu vestido

na face
trago uma impressão de paz
no ventre
um cofre vazio

há pouco o perfume da terra
era eu a pelar batatas
o teu apetite e a lua cheia

à entrada
convida vento o vermelho a mergulhar o azul
no roxo dos meus lábios

só abraço calor
para receber o frio



PROMETHEUS

[a afirmação e a frase...]

Carolina Gramacho

a afirmação e a frase
mais distintas do que iguais
o pensamento e a consideração
 os dois muito desapossados
a simplicidade e o subtil
 e os seus diferentes ritmos
e o que eu digo
 sem me lembrar das outras línguas
 os moldes serão outros
 a paleta será diferente

e os meus olhos
 gémeos da minha língua
põem-se quase sempre
à esquerda
 no razoável
mas esta coisa fleumática de pôr no papel
só crê na falta que faz
 existir

lá em cima



PROMETHEUS

confiar em mulheres

Carolina Gramacho

corro a porta
estendo a voz
assomo-me e chamo
chamo! espero pouco
grito! espero menos
o bradar adoça a escadaria
e eu
escorrego pelo corrimão
 à boca velha
numa bolina suja de caldo

 há bolor no sumo d'amoras
 que sopra o céu de noite
nós vamos ver as estrelas
 caladas
mirar o brilho à sombra eterna
 e temer o salto em queda fraterna



PROMETHEUS

Taciturno

Albano Coelho

Cerveja barata é o que
faz o mundo continuar.
Todos bebem da mesma água
com cheiro a cevada e toque de álcool
e flutuam, cómodos:
observam e sonham com os corpos
de onde nunca irão sair.

A escória que bufa,
prefere outra, onde a água é a mesma
mas cheira primeiro a álcool
e só depois lhes toca a cevada:
procuram e farejam
os buracos e ventres
onde vão prontamente entrar.

No simples e banal
há quem se renda vendado,
ao diletantismo produzido
pela nicotina e um café mal tirado.



PROMETHEUS

Termos termos

Albano Coelho

Que se criem
mais dias da Liberdade
para que voltes a “ter tempo”,
para que esse termo
não volte a ser um empate,
no anseio de estares ligado
à vida, numa forma de futuro.

Para que consigas descer
sobre a tua avenida do ser
— numa passividade neutra
que em pouco ou nada
existe, ou se faz sentir —
e te perguntes ou se lá estou
ou porque não me encontres.



PROMETHEUS

[o melhor...]

Artur Olmeiro

o melhor
é deixares um recado
nas costas do envelope
das finanças ou
da conta da água
ou nas costas do talão
do *drive thru* a que foste
ontem às duas e tal da manhã

quase como
um médico desatento
que nem te olha duas vezes
e nem cinco minutos depois
de teres dito
dá licença doutor
responde
vou-lhe receitar cortisona
meio comprimido de manhã
meio comprimido depois de jantar

no fundo
o que te peço
é que fales pouco



PROMETHEUS

e esta história do recado
é só porque
se extravasares a dimensão
de um recado
no que disseres
ninguém aguenta
sobretudo tu próprio
não vais aguentar
e os outros
podem aguentar semanas
meses ou até anos
mas vão estar a sufocar
e a desligar metade
do cérebro
sempre que abrires a boca
e um dia
eles próprios
extravasam a dimensão
de um recado
e também nessa altura
não vais aguentar



PROMETHEUS

mas não deixes de prometer
a uns e a outros
que eles ficam para sempre
para breve
ou seja
vai adiando decisões importantes
e progressivamente vai encurtando as frases
até por ti próprio
como já te disse

não estou a dizer que precisas
de aprender todas as funções
do corpo
nem o significado
de todas as palavras
é preciso é fingir
que sabes andar nisto
e que apostas tudo
somente quando sabes
que deves
apostar
tudo
e que



PROMETHEUS

progressivamente
cada dia fica melhor
e que
a vida inteira já está pronta
lá mais à frente
à tua espera
e à espera de todos os outros à tua volta
e se te for exigido algo
pede desculpa
e esquece
o essencial

é que vás sendo
cada vez menos
cada vez menos coisas
e histórias chatas e problemas
e que mantendas
uma distância saudável
com os outros
e com os lugares e os objetos
dos outros



PROMETHEUS

mas o ideal
seria chegares
ao ponto
em que
tal como eu agora
perguntas
o que é que eu estou aqui a fazer
e depois tens a coragem
de sair
sem ninguém reparar
que te foste embora



[odeio conversas de café...]

Artur Olmeiro

odeio conversas de café
daquelas com hora marcada
mas também
com desculpas esfarrapadas pelo atraso

daquelas que se prolongam
tanto
que dão a volta à tarde
e acabam em histórias
que já foram contadas
antes
a milhentas outras pessoas

noutros cafés
noutras pontas da cidade

é que
mastiga-se demasiado o tempo e as histórias
e ninguém ali tem um final de jeito à mão

temos é todos pressa
em nos agarrarmos a alguém
antes que anoiteça
ou antes que o mundo acabe



PROMETHEUS

por isso é que eu prefiro guardar
ainda qualquer coisa por dizer
para aqueles quinze ou vinte minutos
de consulta
com médicos céticos e sem paciência
na casa dos vinte ou trintas
num consultório enorme
só com uma secretária de lata
duas cadeiras
uma marquesa
grades na janela
e teses de mestrado modernas e interessantes

prefiro chegar uma hora antes
da consulta
e perder-me nos corredores do hospital
estar na sala de espera
com dois polícias
que vigiam um estrangeiro
desmemoriado
que acordou nu
estatelado ao sol
no quintal de alguém



PROMETHEUS

que achava que estava
em espanha ou itália
mas que agora dança
completamente descoordenado
com um animal de peluche zarolho
completamente desfeito
numa das mãos
e uma caixa de fósforos na outra

sem grande coisa que incendiar

que de vez em quando chama
faggots
aos dois polícias

e pouco depois eu consigo ver
puxadas até à canela
as meias azuis turquesa
com palmeiras
do psiquiatra que o vem buscar

e ao fundo do corredor
novamente antes de entrar no consultório
faggots! fucking faggots!



PROMETHEUS

sem nada a que pegar fogo
e com menos uma caixa de fósforos
para a coleção

num filme de série b
ou numa série antiga daquelas que passam ao domingo à tarde
isto cortava para
EXT. ENTRADA DO HOSPITAL - DIA
o médico acende um cigarro
com os fósforos que confiscou ao seu paciente
que é um estrangeiro desmemoriado nu ou semi nu
um estrangeiro que tem um peluche zarolho mais desfeito que peluche
e que dança e chama f***** aos polícias
e que depois se senta a um canto
a riscar fósforos
mas felizmente
ou infelizmente
não tem ali nada para incendiar

mas enfim



PROMETHEUS

isto tudo para te dizer
que foi por isso
que acabei por desmarcar o café contigo
mas a ver se combinamos qualquer coisa para a semana
ou para o ano que vem

ah e já agora
a título de curiosidade
foi também nesse mesmo dia
que um dos doutores lá do hospital
fez o especial favor
de me receitar quetiapina pela primeira vez



PROMETHEUS

em isolamento — retratos

Márcio Luís Lima

Ânsia pelo dia que há de vir
como rompimento da prótese
que é extensão temporal de um
só momento – instante que
jamaiz findou; tal morte
percorrendo todos os dias
e todas as horas
dor ensimesmada

(...)

Veredas secas isolam-se
num raio de calor invernosos
papéis caídos e desvairados
cinzas resgatadas

no vislumbre
do instante.

Tudo é instante! de cor, sem
membros que lhe valham
e até palheta poética
requer tenacidade do fervor
cujo sol esquenta ao tombar



PROMETHEUS

túmulo da reminiscência
que sobeja
forma amórfica

(...)

Há imensa saudade
jamais escrita em
verso papel ou
carta encriptada – silêncio
escapa entre finos dedos da
voz. Dedicar ao amor tal

canção ou poema que nascera da universalidade
sem odor físico a testemunhar
espingardas sujas do tempo — ou
uma declaração tão pura que
nenhum censor porte coragem
de ler a sangue frio. Possibilidade

de amor arcaico que sai à rua
vestido posto miragem que
às épocas não se pode ceder



PROMETHEUS

(...)

Recuso-me a esta náusea
diária e às enxaquecas
tão pretensiosas
que me furtam
cada minuto de intulidade voluntária

sigo recusando e sigo
também perdendo vezes e
vezes
sem conta

(...)

Qual lume não se abrasa?

(...)

Grade do meu cárcere
do lado de cá da liberdade
onde chama que não arde
e arde tão somente a sua
imagem ... que penitência



PROMETHEUS

ver lume ardendo em tons
discrepantes e esperar que
a morte me dê boleia à cinza

(...)

Que sede me impele?

(...)

Podridão no estômago e no peito
buracos de cigarro
na mármore, parapeito
janela de cozinha arejando o catarro
restos de almoço balançam
entre o odor e dentes, dançam

(...)

Estávamos numa praia do
norte de Espanha, à
boleia de um autocarro
manhoso com bilhetes
roubados. A inocência da



PROMETHEUS

idade permitia os mergulhos
mais doces naquelas
apinhadas praias com
marroquinos a vender
DVD piratas ao quilo

Capturávamos os momentos
em fotografias de baixa
qualidade e nunca revelamos
a verdadeira identidade
daquele instante em memória
física

As rádios locais tocavam
porcarias populares que
suscitavam o gozo da
nossa parte. Partilhávamos
o mesmo leitor de cassetes
e escutávamos à vez a
música. Meditávamos
na reação alheia e ríamos
interiormente de tão
inocentes que erámos sob
a pena da idade



PROMETHEUS

*“Every women seemed to fade out of my mind
I hit the bottle and hit the sack and cried
What’s all this laughter on the 22nd floor
It’s just some friends of mine
And they’re busting down the door
Been a lonely night at the Memory Motel”*

The Rolling Stones — Memory Motel

(...)

*Dolce far niente
dolce ricordo*

(...)

E cada verso, cada linha sinto
um tiro mais lento de lado a lado
sem mercê de piedade pelas mãos
angustiadas e secas que um homem
como eu se vê obrigado a portar

é talvez do nó da garganta, o que
tudo falta faz, já pouca falta faz
e tudo o que pode suprimir esta
vinda é mero obstáculo plástico
quebrando sob botas de inverno

sinto uma certa morte aproximar-se de mim
como lhe posso fugir?



PROMETHEUS

(...)

Que lume entrega a escuridão
e que noite cai em obscuridade?
Não terás tu medo das chamas
negras? E do calor indivisível
que te sufoca no silêncio do
dormir? Nem brasa nem cor
nem dia nem vida – é uma
eterna escuridão este incêndio
obsceno que habita comigo
e arde sem se ver ou saber
como um tumor maligno que
me elevará a cinzas, ascendendo
aos céus nas mais belas
asas claras que a morte traz
consigo

(...)



PROMETHEUS

A angústia torna-me impaciente
e cai-me o cabelo ou vejo-me
obrigado a arrancá-lo com as
grossas mãos de monstro homicida
prestes a dar nome à serie de
cadáveres habitantes nos aposentos
arrastando-se corredores abaixo
e corredores acima

(...)

Ruas desertas escutam os
lamentos dos poetas com
as suas letrinhas infantis
nos cadernos de bolso
portáteis para o café mais
próximo, agora cerrado
interminavelmente

são lamentos, as vozes
perdidas dos poetas que clamam
por inspiração, mudos, e a
de todos os restantes, por pão



PROMETHEUS

ruas seguem o seu limite
no silêncio do confinamento
e sem palma estendida
ou beata achada em chão
que lamenta, mas qual
lamento nos pode escutar?



Máscara de Gesso

M. C. Scorza

Engessaram meus pés
como coça.
endurece o voar
Agora, ando manco por aí

Engessaram minhas mãos
o toque só
pó e gesso
Meu tato, procurando algo intacto

Tudo quebrado
Todo coitado

Engessaram meus braços
travado em cruz
de asas abertas
Não voa, só cai no chão

Engessaram minhas pernas
direita, esquerda
a marcha malfadada
Eu estátua, já não saio do lugar



PROMETHEUS

Tudo engessado
Todo coitado

Engessaram minhas costas
levaram embora
minha coragem
Fizeram-me de sarcófago

Engessaram a minha cabeça
E até hoje
eu não descobri
O que tem de quebrado em mim.



Quando o Dia Vira Noite

M. C. Scorza

Quando o dia vira noite
Os lobos saem
Para dançar
E as ovelhas pastoreiam
Rumo ao abismo.

Quando o dia vira noite
O gado cinge seus antolhos
E galopa, crente,
Rumo ao fogo
Disfarçado de salvação.

Quando o dia vira noite
A fé vira ao avesso
Os valores ruem
Os mecanismos se expõem
A cegueira coletiva avulta.

Quando o dia vira noite
Vampiros se deleitam
E suas presas sedentas
Encontram os aldeões
Nas praças, cabanas e vilarejos.



PROMETHEUS

Quando o dia vira noite
O vermelho carrega nostalgia,
Mas esquecemos o sangue rubro
Que cobre as grades e celas
Da nossa própria prisão.

Quando o dia vira noite
Os guardiões revelam-se
Monstros,
E os portões,
O Tártaro.

Quando o dia vira noite
Para onde foge nossa esperança
Se o próprio céu virou inferno?



A Flor e os Dois Poetas

M. C. Scorza

Uma praça ao estilo *nouveau* é o palco.
O show, dois poetas escrevendo uma poesia
sobre uma Flor que brotava bem ao lado da fonte,
no centro da praça ao estilo *nouveau*.

O primeiro, amante de Beethoven, Bach e Vivaldi.
Acadêmico estudioso.
Leu tudo de Guimarães Rosa, Fernando Pessoa e Tati Bernardi
Nada a ver, eu sei. Mas a vida às vezes é assim.

O segundo, prodígio. Recém-formado em letras na Université de Paris.
Com bolsa e tudo.
Apreciador de Descartes, Dumas e Edgar Allan Poe.
Chato, eu sei. Mas tem gente que é assim.

Ambos dilaceravam o papel com suas penas,
Tempestando palavras.
A tinta do tinteiro se contorcia aos espasmos.
Os bancos, clássicos, construídos artesanalmente por um artista de Florença,
davam suporte à criação.



PROMETHEUS

Ambos os poetas se encontravam em fluxo criativo transcendente.
Inspirados por sua musa.
O Sol estagnou-se para observar o duelo que entraria para a história.
Surreal, eu sei. Mas as estrelas tem dessas.

No fim, quem escreveu a melhor poesia?
A Flor.
Simplesmente muda.



O preço de ser (parte 5)

Tiago Gaspar

Entras em casa
Esqueces quem és
Quem são aquelas pessoas
Incluída a pessoa que escreve
Nada faz sentido
Porque a pureza do desprezo
Que cultivas por ti
Corrói-te bastante mais
Do que a pureza do desprezo
Que têm por ti
E vais vivendo um dia de cada vez
Sabes tão bem quanto eu
Que a morte está tão próxima
Não só a tua mas também a dos teus
Assustaste ao pensar que não amaste o suficiente
Não viveste o suficiente
Não fodeste o suficiente
E tens a estranha sensação
Que passarias pelo Hades
Só para ser criança mais uma vez
Só para teres uma família
Quase como se...
Fosses suficiente, percebes?



PROMETHEUS

Porque agora és homem
E tens de te fazer à vida
Porque cresceste tão lentamente
Que tens estrias no cérebro
Da maturidade que te abalou
Das facadas e abandonos que levaste
Do amor que carregaste por pessoas
Que não dariam uma palha
Para que continuasses por perto
Regressas a casa e sabes que falta algo
Falta humanidade... falta ser suficiente
Falta parar de falar de política e da universidade
E falta-te a autoestima
Porque sabes que se não fores as tuas ambições
As pessoas vão embora
És abandonado como um cão
E nem em casa entras
Ficas à porta
Choras por amor
És raivoso apetece-te partir os vidros
Cortas o teu antebraço apenas para
Criar uma metáfora à dor
De queres esconder-te cada vez



PROMETHEUS

Que entras em casa e sentes os ombros pesados
Pedras transformam-se em lágrimas
E dás por ti
Trancado em ti próprio
Sabes que és inútil
Sabes que faltas com a tua palavra
Sabes que no meio de toda a confusão
Pais, padrastos, madrastas e mães
No meio de todas as confusões
Sabes que também tens culpa
Não pediste para nascer
Mas estavas no sítio errado à hora errada
E querias tu saber o que estava
Por detrás da cortina
Haverá uma família a cuidar de ti?
Daquelas que se vêem nos quadros
Rezas para que fosse uma partida
E toda a tua vida até à data fosse
Uma surpresa de aniversário
Chegaste aos vinte e cinco, parabéns
Estávamos só a brincar
Aqui está a doutorinha
Foi ela que quis organizar esta surpresa



PROMETHEUS

Tudo esta certo, sempre estive
Sempre foste suficiente
Estávamos a ver até onde a corda esticava
Até onde essa personalidade esperançosa
Se transformava em morbidez
Estávamos a ver se esse sorriso de quem espera sempre alcança se mantinha
Estávamos a ver se aguentavas as críticas
Se eras homem suficiente para seres humano
Levantaste e percebes que as novelas de Kafka
São o puro tudo
Chegas a casa e abres a porta
Ninguém está lá
A infância passou
A adolescência de rebeldia
A pequena porção de adulto que tiveste
Enfim, fechado para obras
E desejas finalmente que alguém chegue
E dê significado à tua solidão
Alguém que te construa sem te destruir
O menino mimado que nunca tiveste
Oportunidade de ser
Porque tudo te entrou dentro de casa
Um Deus instalou-se e disse



PROMETHEUS

Agora és meu
Minha propriedade
Estás cansado
Bebes um copo
Voltas as costas à empatia
Tornaste num tirano
Esqueces que a razão é inútil
Quando a vida é ornamentada pelos sentimentos
Bates à porta
Quem a abre és tu mesmo
Mas desta vez com cabelos brancos
Nem os teus filhos estão em casa
Foste o pior pai do mundo para eles
Nunca lhes apresentaste os avós
Tinhas medo que sássem demasiado racionais como o avô ou demasiado
sentimentais como a avó
Escondeste-te atrás da solidão
E pensavas que escapavas
Agora és pai
Estou para ver a bela merda que vais fazer



PROMETHEUS

Crescer para além da dor

Carolina Almeida

O meu coração
Descascado e quebrado
De onde arrancaram o miocárdio
Agora sarou;
Alguma coisa
Sem dúvida o curou;
Ao longo da jornada
De que a vida é feita
Voltou a bater
A parede voltou a crescer
E agora é um todo de novo.



PROMETHEUS

[No sítio certo por pouco tempo...]

Rafael Jesus

No sítio certo por pouco tempo,

Um desenho inacabado,
Caído nos sonhos,
Nas lembranças em que não havia tempo,

Vislumbres...
Janelas gradeadas do que ousámos querer.
Perpetuam-se nas memórias com perfumes...
Na pintura desses olhos, que pude ver...

Quase como uma miragem...

E os sonhos desfeitos...
E as saudades que não se extinguem...
Que até se tingem,
Pra poder viver presentes,
Não rarefeitos.



PROMETHEUS

Sentimentos Fantasma

Bárbara de Almeida Conde

Pereira, já pensaste que sentes?
Que puros todos sentimos
A cada batimento e respiração?
Inevitavelmente somos hospedeiros

Cada qual com o seu parasita.
Alheios deram nomes ao que me percorre
a mente e o coração.
Eles lá sabem, Pereira... Palavras para quê?

Tudo o que sentimos é inefável e intrincado e inigualável.
O meu parasita é anónimo e esconde um mundo
De fantasmas desorientados a correr desalmadamente.

O teu parasita pode ter um nome que já ouviste
Mas será que alguma vez o ouviste?
Talvez no silêncio de certas noites ele se apresente

E tu não saibas rotulá-lo sob as palavras de outrem.
Pereira, está tudo bem, não te assustes.
Inútil será empatizar entre conceitos banalizados.

Há uma beleza triste na empatia que ninguém compreenderá.
Sinto o que sinto e
Não sei o que sentes, só sinto.



PROMETHEUS

Fumo Um Cigarro Por Cada Beijo Que Não Me Dás

Sofia Estopa

Dos piores vícios que posso ter,
Amar
E amar não traz aviso prévio
Que me proíba de ir até ti.
Quem inventou o Amor
Não sabia a perigosidade
Que ele pode ter
Baixo um possível isqueiro,
Baixo duas mãos que já não se tocam.
Fumar não mata, mas
Antecipa a morte, talvez.
Amar, isso sim já me matou inúmeras vezes,
Esse amor algo de errado
Que me faz fumar um cigarro
Por cada beijo que não me dás.

textos



PROMETHEUS

a noite, justamente

Márcio Luís Lima

“são úteis, são urgentes, azuis,
inextricáveis mesas onde a mão penetra
e a cabeça conhece o som da noite.
roem de sangue a melancia imóvel,
chamam o tempo ao tempo e acordam,
terríveis, do fulgor das chamas.
são a cadeira, o maço de tabaco,
a orelha recortada, a cama onde dormia
o búzio semicego.
erguem orgasmos ao calor do mundo,
batem, inventam verde a folha
interna do silêncio,
vigiam o rumor
oculto dos anéis.”

António Franco Alexandre
in “As Coisas Justamente”

Justamente acordar. Sem mote de apelo, ou qualquer voz que perscrute os batimentos cardíacos da animalesca violência de justamente acordar. Mas atenção, pobre ouvinte, a tosse seca porta um eco maior no peito, como se as costelas fossem rebentar e os teus olhos expelir sangue, as carótidas prestes a colidir com a luz... felizmente ainda é noite.



PROMETHEUS

Há uma sensação estranha em acordar de noite, com a especial particularidade para uma estranheza ainda maior quando não reconheces o local onde jaz o teu corpo. Pois bem, o meu poisou sobre uma amostra de compartimento sujo – como um navio de betão e paredes caiadas a cuspe.

Uma jovem pouco mais velha que eu envolve-se nesse cuspe seboso das paredes que desce até às suas coxas e emaranha os seus pelos púbicos. Uns sentem uma maior vontade em se esconder das luzes artificias. Do néon da rua macabra que segue direções bífidas sob o nariz do diabo. Iluminam como lume, crescendo e diminuindo ao encontro do betão de cuspe. Ardem também, mas nada secam.

A mulher-jovem, despida de céu que a abrigue, tem marcas de anéis. Procura uma fonte qualquer, e não procurarias tu também ouvinte? Um homem precisa de comer e para se comer requer-se dinheiro, pois então que se persiga os anéis que corromperam aquele pele ríspida e seca da cintura para cima. Quando os alcançar, estendo-os a outra mão que me estendam carteiras e a vida vai assim: uma mão leva à outra.

Tem um nome masculino distinto do meu – se é que ainda tenho o mesmo nome, ou o ofereci corretamente à chamada – nos seus lábios entorpecidos. “É de madrugada ainda, mulher-jovem, despida de céu, volta a dormir” e volta.

A curva que lhe desenha a forma redonda, no topo das suas pernas, tem um vertiginoso aspecto a verão, de fruta cara, ainda que se perca o encanto dentro do navio de betão. A sede é a mesma. O suor que paira sobre nós abafa. E as janelas? estão sem vidros que as valha, ainda assim não corre ar nesta casa mortuária. O lixo acumulando-se, justamente como um semáforo parado, sobre a mesa de centro da sala-quarto-casa, cedendo passagem a insectos de prostíbulo.

A manhã romperá pelas ventanas e ainda aqui estarei, repousado neste sofá-cama, mas sempre acordado. O som da noite ecoa nas minhas entranhas mais íntimas, como se a morte se fizesse escutar em prestações reles. “vou morrer”, “morrer?”, “enlouquecer”, “enlouquecer?”, “és surda?”, “surda?”, “estarei eu já louco?”, “e morto?”, “pelos vistos mais louco que morto”.



PROMETHEUS

Todo o quarto, antes pintado a cuspe e a sangue espesso, móvel como lume infernal, virou agora uma ríspida cor de branco sujo. As paredes cascadas revelavam-se mais aborrecidas durante a manhã. É a pior parte do dia, ouvinte, ver o dia nascer, contar as horas e perceber que não se dormiu o suficiente. É provável que as mais frágeis imagens virem ilusões e deturpações de traumas amórficos. Ainda me perguntam porque enlouquecerei.

As cadeiras com roupas usadas, usadas de maneira distinta, como para limpar saliva, sémen ou sangue, permaneciam estáticas, quase indivisíveis senão pelo odor forte. A mesa com maços de tabaco acabado, provavelmente roubado, de marcas diferentes, caixas de mortalhas rasgadas, beatas por todo o lado, tabaco de enrolar pregado à mesa devido ao sebo de bebidas entornadas e secas, onças abertas, caroços de erva (provavelmente reles), bastante haxixe (a placa ainda por cortar, mas com mossas para uso próprio), garrafas de vinho branco, vodka barata e sumo. Também havia cerveja ao litro, na outra ponta da sala-quarto-casa.

O cadáver da mulher-jovem ainda ressonava. Um monte de ossos sobre o chão, como garrafas vazias sobre a mesa. Vibravam orgasmos através das paredes caiadas a cuspe e um calor tépido a merda. Impregnava com os restantes exotismos de erva, haxixe, vinho espalhado pelo chão a colar a planta do pé ao soalho crespo e a vômito. O brilho das cinzas que se erguia à medida que a luz se espalhava pelo espaço era de uma artificialidade demasiado comprometedora. Talvez cocaína, MD ou speed, enfim, restos caro ouvinte, restos que se erguem como a fênix toxicodependente. Crê que iria cheirar aquilo, por entre as cinzas de cigarro? Pode crer que sim, de alguma maneira haveria de permanecer acordado e certificar-me de que a mulher-jovem ainda vive.

Quase quatro metros de altura, em forma de curva que já esquecera o néon amargo da noite e vislumbrava agora justamente a rotina matutina da plebe banal. Sala-quarto-casa curioso. Há um entrave na garganta – um homicídio. Mas terei eu pés e mãos de assassino? Justamente estas coisas se recobrem nas imagens dos espelhos e nos lençóis límpidos a que se apresenta o monstro. Mas não me arrisco ver o tempo queimar-se.



PROMETHEUS

A semente que por aqui se alastra terá de permanecer queimada por outras vias, brotar de um tempo anacrónico e longe de mim, entendes ouvinte? Não posso esperar por outra noite, justamente outra noite. As coisas justamente são sementes de algo mais, sempre de algo mais que meramente um mulher-jovem ou uma sala-quarto-casa de quase quatro metros de altura. Toda a noite requer o seu dia, e vice-versa – e é precisamente nesse vice-versa que o homicida sai do seu casulo, para uma vez mais justamente matar – assassinar e ver assassinar. O tempo terá de se queimar por si próprio alhures de mim.



PROMETHEUS

Papoila

Leonor Ferreira

A vida é uma papoila de três pétalas. Ontem fomos uma, hoje somos a segunda, amanhã a terceira. Colhemos o vento da opressão, o vento do tempo que passa sem se sentir. São pétalas os sentimentos que me afligem a alma. A cada soprar destes ventos de mágoa solta-se uma das pétalas da débil papoila que sou. Já não tenho pétalas de tanto as roer. Ou terei?

Ó, ser neste campo algo mais do que uma frágil papoila. Ser cardo ou erva daninha menosprezada. Ser flor de silveira de doce amora. Ó, ser rosa de aguçados espinhos, ser girassol de alto caule, ser frésia de doce odor. Mas nasci papoila, nasci magnólia de efêmera existência. Nasci débil, pequena e pouco. Pouco para este mundo mais débil que eu mesma.

Passa o tempo e a vontade de ser, passa o vento e a razão de existir e hoje sou a última pétala e queixo-me de o ser. Dera a mim ser castelo de areia. Dera a mim ser mais efêmera. Dera a mim, talvez um dia, olhar as ondas do mar e não querer que me levem.

Trago palavras na pele e na boca de papoilas pintada, trago amor no sangue e amargura em todo o corpo e queria só não trazer, não ser. Queria só não sentir coisa alguma ou ser coisa alguma. Tornar-me no ar que respiras, no fumo que brota dos teus lábios.

Há de o vento passar e levar a última pétala. Há de o mar correr e quebrar estas ideias.

Quero apenas ser ou não ser. Mas se for para ser, que seja mais do que isto, mais do que o que sou. Insignificante grão de areia em longa praia. Chegará o dia em que não restarão mais pétalas na fina papoila que tão esperançosa se estica até ao sol, procurando obter mais, obter melhor. Sonhava a papoila com espinhos de rosa, com altura de girassol, com beleza de frésia. Mas papoila foi e papoila se foi. Sonhos são sonhos só.

Papoilas crescem nos campos que me rodeiam, e tudo o que queria era não ser elas.



PROMETHEUS

cadernos subversivos #2

Ernesto Gonzo

para se abrir um caderno requer-se, em primeiro lugar, de uma superfície capacidade de liberdade. para um conceito tão complexo, a liberdade é até certo ponto, um grilhão bem pesado para um autor que abre os seus cadernos. depois é necessário um herói, daqueles trágicos, corajosamente estúpidos para soltar as amarras da inspiração.

por fim a tinta, que tantos acham ser sangue. não é mais que tinta.

as camisas engomadas são um caderno por abrir.

assim que o autor a veste o poema nasce, ou a rambóia parte a cavalo para a esquina mais duvidosa. há que dar asas à pena. não basta abrir-se o caderno.

ainda que se juntem os elementos contingentes, está no homem decidir vestir a camisa ou levar o peito nu. o caderno não se escreve a si próprio, é antes escritor – mesmo antes de ser sequer caderno.

“o caderno”

10 de Dezembro de 2020



PROMETHEUS

quando a cabeça se cansa de toda a bestialidade, o ébrio homem acolhe-se num cigarro de janela nua. resguarda-se na nudez da noite, com vestes caseiras que transparecem a sujidade, inércia personificada, revestido de cansaço. o homem coça os tomates sem perceber que da outra janela, também despida, uma jovem o observa – uma mulher jovem cujo marido dorme no sofá, exposto pelas entrelinhas da janela paralela, alumiada a luz de candeeiro de sala.

o cigarro no canto da boca, ereto, segue o seu compasso. os veios quentes, grossos sobre a camada fina da mortalha, sobressaem à vista da jovem mulher. o homem entende que deve continuar o espetáculo porque a mulher sorri. consente com um sorriso perverso.

a mão feminina, provavelmente gelada, aquece-se dentro das cuecas que aparecem por entre o robe tímido. renda branca como as paredes da casa. o homem agarra no vulto dos testículos, com o formato do pénis contornado no tecido.

primeiro revelam-se os pêlos púbicos, que se notam mais na mulher – negros sobre uma pele pálida e macia ao toque da vista; os do homem são mais obscuros, como se escondessem um segredo. ambos em demasia. o excesso de pêlo cativa-os ainda mais num orgasmo visual.

os dedos seguem à boca para se sentir o sabor alheiro.

“dois dedos de conversa silenciosa”

10 de Dezembro de 2020



PROMETHEUS

escalpe pelas próprias mãos. coragem – há gotículas de sangue no canto dos lábios. os pregos arremessados entranham-se entre unhas, como pedaços de bambu. os cabelos, como fios entrelaçados, pingam sobre os pés descalços.

coragem.

há roupa a secar sobre o fogão. os chinelos húmidos da chuva incessante. as beatas acoitam-se no cinzeiro junto do pequeno-almoço. o cheiro é estranho e abstrato, anónimo. há sangue que paira na dúvida da humanidade ou fome.

perde-se a cabeça e sobejam os cabelos num pedaço grotesco de pele rugosa – coragem, é a velhice.

“a velhice na cozinha”

10 de Dezembro de 2020

mulher
que rompes
do silêncio
destes passos

meia silhueta
molhada
sob chuva
de chuveiro



PROMETHEUS

quente
apareces na coluna
de fumo
que percorre
o reflexo do teu corpo
despido no espelho

uma mão toca
a tua imagem
outra
toca-te

“mulher”
10 de Dezembro de 2020

é que o fragmento pode dar origem a uma corrente filosófica. mas noutros tempos. numa altura onde o escrutínio não se anotava e se fazia em praça pública. hoje o fragmento requer mais – a posterioridade não vive de fragmentos.

— e olha só, o pobre Ernesto fragmentado.

poetas de uma frase só que se fazem diariamente mais poetas pela única frase que a repetem, alterando a ordem das palavras até que o expoente da virtualidade sugue o tutano do orgasmo digital.

— pobre Ernesto que não atinge o clímax.



PROMETHEUS

o esqueleto que paira na imagética social é a de um culto absorto. frase citável.
cita-se, mas não se lê: dá-se a ler. que nobres e altruístas!

— quem é o Ernesto?

tanta adoração, não seria de estranhar que um cristo redentor caísse das nuvens para
salvar tanta masturbação cega. jazem (jizz) os poetas dos fragmentos, com cadeiras
amontando livros canônicos de deuses jazidos (jizz).

“jaz”

10 de Dezembro de 2020

há um copo
de gasolina
do meu lado
direito

há um cinzeiro
junto do copo
de gasolina

há cinzas
dentro
da minha urna



PROMETHEUS

qualquer prosa é
lume de um autor
sedento

“copo de gasolina”
10 de Dezembro de 2020

quem diante da noite se pode aconselhar de inocência? no fervor do tempo, contra relógio do instante, um calafrio sobe pelas pernas.

não posso evitar dormir despido. preciso de sentir a nudez roçar nos lençóis de verão em pleno inverno.

o gelar do tempo personifica-se num trauma. uma mão incrédula permanece estática sobre o ecrã do dispositivo móvel. os olhos observam estas imagens pornográficas movendo-se, entregando a forma ao filme. a mão oposta agarra primeiro os tomates. sente-os rijos de frio, cheios em simultâneo. uma tribulação de esperma cresce.

o pescoço cresce por cima da palma. as veias engrandecem conforme o compasso divisível das imagem movíveis.

o gesto repetitivo duplica-se entre a virtualidade e a realidade. a corrida inversa pela ejaculação tardia começa. contra-senso paradoxal – querer vir-se simultaneamente ao não querer. aguentar o prazer na mão. atrasar o tempo de êxtase.

até no prazer o tempo soberano no encaminha para a tirania. a limitação agrilhoa o homem que bate uma punheta enquanto o liberta nessa impossibilidade de eternidade.



PROMETHEUS

o esperma à zona aquece. a obscuridade é uma continuação da gélida pressa que é viver não sendo perene. parece aquele dotado de orgasmo.

“êxtase carnal, no singular”
10 de Dezembro de 2020

viver no apaziguamento da paz
através do canos de esgoto
pela porta da inércia – nada fazer
que possa prejudicar, ser antes
mármore: lápide ou estátua?

corre o tempo, tudo permanece
na mesma, sem ambição que valha
aos poetas castrados com tanto
fogo por arder “era uma promessa”
e não foram ou serão mais
que possibilidade ínfima na boca
dos amigos compadres companheiros
da mesa de café “tens um cigarrinho?”
tão simpáticos para com os versos
claro que há tabaco para ti, amigo

mas não há versos que entreguem
toda a castidade numa caixa de madeira
encomendada à posterioridade. Esquecidos
correm de um lado para o outro do quarto



PROMETHEUS

a fumar, a beber, a ser tudo mais que nada e pouco mais que tudo que a possibilidade permita – uma eterna possibilidade. “foi a vida” ou a vida que não foi – poetas de algibeira com três versos roubados ou invertidos das bibliotecas dos papás ou avozinhos.

procuram estrofes nas vielas, nos limbos dos amores tardios e precoces como se tudo fosse um campo de batalha e o abandono a única opção. desistência, tudo colmata na desistência. pobres poetas encomendados, não sabeis já que a poesia tem casta diferente?

“poetas castrados”

14 de Dezembro de 2020

é possível que já tenha escrito algures esta dúvida que me atormenta o juízo: como é que é possível que num país com tanto álcool não haja mais escritores ébrios? escritores desinibidos de hordas morais, sem preocupações literárias... escritores que escrevem a cru. trazem os textos directamente do talho, passam pelas brasas e dão a ler os textos ainda em sangue.



PROMETHEUS

não precisamos de Bukowski, mas talvez de Pacheco.

“preocupações”

22 de Janeiro de 2021

saem do covil os cordeiros mascarados de lobos
com vontade massacrar os seus irmãos e, alguns,
até fome pela sua casta – e sede pelo seu sumo

sugam o quanto podem dos círculos privados
masturbam-se na cara de compatriotas e ejaculam
nos companheiros de cela – prisioneiros da vontade
de singrar. pequenas sociedades que escrutinam
a bajulação precoce sob a mesa, com cinzeiros
postiços e dentes amarelos, sorrisos grossos

quanto tempo dura o massacre? a luta é maior que
as armas, e a vontade não excede a possibilidade
cavalgam docemente os campos virgens do vizinho
mas temem as florestas bravias, porque a noite
lamacenta desliza sobre as suas cabeças como
uivos obscuros de onde o eco não sai

“cordeiros solenes”

22 de Janeiro de 2020



PROMETHEUS

sobeja-me cada vez menos paciência para política – para o cerne político nacional e internacional. os problemas sociais são separados dos económicos, negoceiam a educação e saúde como bens económicos com e potenciais lucros... e o país ainda ergue um assombro da extrema-direita porque o “problema são os ciganos malandros que vivem à custa do nosso dinheiro”. as preocupações sofrem desvios ridículos da importância maior, em parte porque os meios de comunicação perdem o leme em plena frente de batalha para charlatões do sensacionalismo.

mas que sei eu disto tudo? serve-me outra cerveja e mete o jogo a dar. hoje o benfica tá fodido.

conheces as raparigas daquela mesa? acho que estive com uma delas na noite passada. estávamos no mesmo grupo, numa daquelas caves manhosas, com copos de plásticos e cinzeiros em bebidas alheias.

sabes o que é que ela me disse quando lhe perguntei sobre posições políticas? disse-me “posições políticas? percebo de posições, mas pouco de política”

a maioria dos miúdos só compreende as posições, especialmente aquelas fáceis de enquadrar – tens dois ou três protagonistas nas redes sociais que dão o mote e o resto vai atrás. já lá vai a geração que discutia política com cervejas em copos de plástico. agora é só cerveja, posições acérrimas porque “li o que o zézito da linha escreveu no twitter e ele tem razão” “porquê? porque tem, porra, mas ‘tás a duvidar?”



PROMETHEUS

se calhar estou só a fazer confusão. acho que não são elas.

paciência!

“paciência”

25 de Janeiro de 2021

estou enjoado com todo o cheiro a tabaco
e de todo o cheiro a café, e de toda a pestilência
a que os escritores obrigam. a chuva e os
pássaros, a natureza e Bach – tudo isso para mim
está no menor vislumbre literário, encaixilhado
na volúpia de escrever com entranhas de
falecidos. a métrica está morta e em breve
também o registo diarístico em forma de
verso como este que aqui se faz. Nauseabundo
com todo o odor que corrói esta casa
de tinta e canetas, bibliotecas e folhas,
editoras e quadrilhas, camaradagem e
sociedades à prova de bala, esquadrões deelite. a última coisa que importa, à hora,
é o que o autor escreve. que pena que pelo
caminho literário se tenha perdido a literatura.

“veredas amargas”

26 de Janeiro de 2021



PROMETHEUS

Estranhos

M. C. Scorza

João e Maria se casaram há muito tempo – uns 2 anos. Se conheceram quando corriam no parque da cidade. Começaram a correr juntos, e a paixão corria com eles. Na verdade, a relação foi toda corrida: em 3 meses foram morar juntos, em 5 estavam noivos, e com 8, casados.

Depois que a paixão explosiva passou, os dois começaram a se estranhar e os problemas começaram. Uma vez, Maria saiu para beber e acordou meio atordoada, com um desconhecido na cama.

- Meu deus, o que foi que eu fiz!? - Sussurrou, caindo de susto da cama.

Ligou para sua melhor amiga:

- FÊ! Fiz besteira...

- O que aconteceu, Má?

- Acordei com um estranho na minha cama... o que eu faço?

- É gostoso?

- Meio barrigudinho.

- Putz... já contou para o João?

- João? – Ela olhou para a cama de novo – Nossa, esquece, devo estar bêbada ainda.

(Não estava)

Aconteceu o mesmo com João quando, num domingo qualquer depois do Futebol, levava os amigos para casa, para tomar uma cerveja e assistir ao jogo do Corinthians. Quando ele abriu a porta e olhou para a cozinha, deixou cair a bola com o susto. Voltou rapidamente e fechou a porta atrás dele.



PROMETHEUS

- Meeeu! Tem uma mulher na minha cozinha!
- É gostosa? - Perguntou Marquinhos.
- Tem a perna meio fina.
- E cadê a Maria, cara? - Perguntou Carlão.
- Maria? – Ele abriu a porta e analisou a mulher fazendo panqueca - Eita, acho que eu estou desidratado da pelada.

(Não estava)

Outra vez, Maria chegou em casa e viu um cara fuçando no guarda-roupa do quarto, bem na gaveta das roupas íntimas. Ela, apavorada, correu para o telefone e ligou para a polícia:

- Um cara invadiu a minha casa e tá roubando as minhas calcinhas!
- Amor! - Gritou João, do quarto – Cadê a minha cueca de elefante!?
- Ah... esquece, é meu marido - E desligou o telefone.

Tanta era a estranheza, que isso ainda se repetiu uma última vez. João, chegando do seu trabalho, encontrou alguém assistindo sua T.V.

- O quê? Quem é você?! – Disse, surpreso.
- Eu? Quem é você!? E o que está fazendo aqui!? – Gritou com o louco que invadira sua casa.

- Eu sou o João, eu moro aqui.
- Não mora não, eu que moro aqui!

Maria falou com tanta convicção que João achou que tinha cometido um erro mesmo.

- Nossa, acho que errei de apartamento então, minha senhora, desculpe - Deu meia volta e saiu.

Maria parou para pensar no que tinha acontecido. Percebeu que tinha algo de errado. Fez uma cara de brava e falou consigo mesma:

- Pera aí, não acredito que aquele idiota fez isso ... Senhora!? Fala sério, que babaca. Senhora é o cacete.



PROMETHEUS

Essa aqui é sua perna ou minha?

M. C. Scorza

- Essa aqui é a sua perna ou minha?
- Hmm... Não sei, cadê o pé?
- Tá aqui. Quanto você calça?
- 38.
- Droga.
- Você calça 39, né?
- Sim.
- Droga.
- Alguma pinta?
- Não me lembro, mas no dedinho da mão esquerda, sim!
- Me ajuda a procurar desse lado, tá me faltando um olho.

E assim, ambos quebrados e perdidos, tentavam se encontrar.



Chegou à porta de sua casa

M. C. Scorza

Chegou à porta de sua casa, colocou a chave na fechadura enferrujada e a girou. Ela fez um ruído quando abriu. Acendeu o abajur no rack de madeira da sala. Tirou um sapato de cada vez, primeiro o direito e depois o esquerdo. Tirou as meias; desabotoou a camisa social amarrotada e suada; desafivelou seu cinto preto desgastado; tirou a calça de devagar - não tinha pressa. Dobrou com muito carinho as roupas e as empilhou na cadeira. Enrolou o cinto e o pousou na pilha. Puxou outra cadeira e se sentou, sozinho, na escuridão da sala, observando o vasto nada que jazia à sua frente. Chorou. A única testemunha de sua solidão era a tênue e frágil luz do abajurzinho; que se pudesse, choraria também.



PROMETHEUS

Conveniência

M. C. Scorza

Era uma lojinha de conveniência, dessas que ficam abertas 24 horas. A placa acima da porta, brilhando como uma luz no fim do túnel, parecia atrair o seu olhar faminto. Com a mesma velocidade de alguém que morre de fome, ele caminhou até a vitrine. Há anos não comia nada além dos restos de lixo encontrados nos becos imundos atrás dos restaurantes; ultimamente, nem isso era fácil de encontrar.

Tinha uma família para sustentar. Perdeu o emprego, o carro, a casa, a dignidade, a identidade e só lhe restava a vida. Se é que podemos chamar assim. Eu diria que ele perdeu tudo por causa da recessão, das drogas, da família disfuncional ou qualquer outro problema... mas a verdade é que eu nem sei dizer o que realmente aconteceu com esse aí. São tantos. Talvez nem ele pense muito sobre isso. Só pensava na fome que sentia e em seus dois filhos. Estes tentavam adormecer em caixas de papelão encharcadas, em baixo do viaduto, virando ali à direita, enquanto a mãe se prostituía por “*quinze conto*” na esquina.

De volta à lojinha de conveniência, que fica aberta 24 horas. Pela vitrine, ele admirava toda aquela comida: as pizzas, os pães de queijo, os salgados e a torta de frango que o encarava de sua bandeja prateada, todos à venda. Sua barriga se contorceu, soltando um som de lamento. Colocou a mão no bolso da sua velha calça jeans – o único que não estava totalmente rasgado – e viu que estava sem moedas. Não tinha absolutamente nada, só fome. Não recordava a última vez que comeu um frango que não estivesse estragado.

De alguma forma, uma sombra de ideia conseguiu atravessar aquele emaranhado de cabelos sujos e cravar suas unhas nojentas dentro de seu cérebro. Ele nunca havia pensado em roubar o que quer que fosse. Ele não era nenhum ladrão. Ainda existia um vestígio de princípio naquele farrapo de gente. Mas, uma vez tomado pela fome e pela falta de esperança, essa ideia é quase irrefreável.



PROMETHEUS

Pensou no aniversário do filho, que já havia passado; pensou na mulher que, para sustentar a família, precisava fazer coisas das quais me recuso a descrever aqui. Assim, decidiu abrir uma exceção à regra. Colocou o capuz na cabeça. Limpou seus princípios no capacho. Entrou.

Se surpreendeu com a quantidade de cheiros maravilhosos e o quanto o ambiente cintilava de limpo. Há décadas ele não entrava em um lugar em que o dono não precisasse subornar o agente da vigilância sanitária. Deu uma olhadela em volta. Seu coração disparou, era inexperiente nisso. Seu corpo suave frio. De repente, a euforia tomou conta: percebeu que o balcão estava vazio, não tinha ninguém lá. Poderia pegar tudo o que quisesse – se fosse rápido o suficiente. Um milagre?

Pegou uma sacola que estava descansando ali na frente da caixa registradora - ignorando a mesma. Ele não queria o dinheiro. Ainda lhe restava um pingo de dignidade grudada na sola do sapato furado. Começou a pegar os salgados no balcão. Deu uma bela mordida na torta de frango antes de a colocar na sacola. Estava a dois passos da porta quando decidiu voltar para pegar um presente para o filho. Ao dar meia volta em direção à saída novamente, escutou um *click*.

O dono da loja estava com um revólver apontado em sua direção. Tremia tanto que a arma poderia desmontar a qualquer momento. Um silêncio profundo tomou conta da lojinha de conveniência, aberta 24 horas. Suas respirações ofegantes se tornaram ensurdecedoras. O dono, que só sabe desta pequena parte da história, estava buscando um engradado de cerveja para repor na geladeira quando ouviu um barulho.

O ladrão estava parado na porta, quase paralisado, suando frio, pálido, agarrando a sacola de comida em uma mão e algo metálico – dentro do bolso da blusa – na outra. Ele virou lentamente para encarar o cano estendido em sua direção. Estavam em lados opostos da loja, mas ele podia sentir o revólver pressionado contra o seu peito. Empurrando-lhe os pecados pra fora da alma, à força. Metal impenitente, frio.

Começou a deslizar as mãos lentamente para fora do bolso da blusa. Sem tirar os olhos do homem gordo armado que balançava como gelatina, estacionado ao lado da máquina



PROMETHEUS

de Coca-Cola do outro lado. Neste exato momento, não muito longe dali, sua mulher abaixava as calças cáqui de um cliente misógino, no banco traseiro de um Corsa 95, preto. Ao mesmo tempo, a menos de um quarteirão de distância, os seus filhos se abraçavam sozinhos, sob uma barraca decadente, à espera de um milagre.

O silêncio inundava a lojinha de conveniência (dessas que ficam abertas 24 horas). Ainda olhando no olho da morte, o ladrão pediu a Deus que garantisse à sua família uma vida que ele nunca pôde dar. Já havia tomado uma decisão errada. Agora, não haveria volta. As mãos saíram do bolso da blusa, um objeto negro e metálico reluziu em sua mão.

O próximo segundo foi o mais longo de sua vida: enquanto o gosto da torta de frango ainda pairava em sua boca, e o pedaço descia dançando até seu estômago vazio, o silêncio eterno rompeu-se. Um clarão de luz. Um estrondo! Seco e súbito. Fragrância suave de pólvora. Imediatamente, irrompe um novo silêncio. A arma, sempre obediente ao dedo do homem, não esperou segunda ordem para disparar. Eliminou a ameaça ali mesmo. Na hora.

Era o seu primeiro disparo contra um alvo de carne. A primeira vez que usara tal ferramenta de morte. Havia prometido a si mesmo que seria só para proteção. Nunca imaginou que realmente precisaria usá-la. Ele sabia que alguém em sua situação era vulnerável. A arma era apenas sua garantia contra um mundo violento. Mas o revólver virgem agora estava manchado de sangue.

O atirador observou o corpo cair. A sua primeira vítima. Parecia até coreografado. Espetáculo orquestrado por três irmãs que apreciam as ironias que regem o fio do destino. Só depois que o homem terminou de se estatelar no chão excepcionalmente limpo, foi que o dono conseguiu distinguir o que o indigente segurava entre os dedos calejados. E ainda o apertava com a paixão dos homens que acabaram de perder tudo: uma miniatura de um Mustang 64, preto, de ferro. Era de sua coleção pessoal, que usava para decorar o balcão da lojinha de conveniência, que ficava aberta 24 horas.

Ele não sabia, mas esse seria o presente de aniversário atrasado do filho do falecido. Na outra mão, segurava firmemente uma sacola de papelão, com uma torta de frango e alguns salgados roubados. O ladrão recebeu sua sentença do juiz de aço.



PROMETHEUS

Paralisado ao lado da máquina de Coca-Cola, com a arma quente em mãos, o homem lembrou que o certificado do registro da arma de fogo ainda estava em tramitação. Mas a bala não pede RG nem CPF, ela ignora a toda poderosa Burocracia e te manda numa passagem só de ida para o paraíso.

.....

A ambulância chegou meia hora depois, acompanhada de dois carros da polícia. Assim que entraram, se depararam com um homem grande chorando, de braços, aos pés de uma máquina de refrigerante. Com o smartphone na mão e a arma largada aos pés. Depois, se voltaram para o homem que dias atrás andava por aí invisível. Os paramédicos repararam primeiro que o corpo fedia a esgoto; que estava mal vestido; que tinha cabelos que nunca foram penteados na vida. Depois, que o sangue fluía do furo do coração do morador de rua. Tingindo de vermelho o chão branco, como um artista pinta uma tela.

Depois do corpo ser levado direto para o necrotério (ele morreu na hora) e do boletim de ocorrência ser devidamente preenchido, amassado e jogado fora, o dia raiou. A rua ganhou vida e os passarinhos cantavam. O atirador saiu da delegacia no dia seguinte, após ser fichado e ter pago a fiança. Ele aguardaria seu julgamento em liberdade, para depois ser inocentado. Réu primário, legítima defesa ou algo assim. Era um homem livre perante a lei. Somente perante a lei, pois ainda estava acorrentado ao seu remorso.

O arrependimento que tomava conta de seu enevoado coração exigia uma ação. Ele descobriu “onde morava”, e com quem “morava” aquele homem que havia tirado a vida. Chamado André, em homenagem ao apóstolo. Então, tirou seus filhos da rua, os colocou em uma escola. A mãe passou a trabalhar em sua lojinha de conveniência, em um dos três períodos do turno de 24 horas. Pouco tempo depois, os ajudou a alugar uma espécie de apartamento “3 em 1” (quarto-cozinha-banheiro) com vista para o viaduto. Até colocou seu nome como fiador.



PROMETHEUS

Após estes três atos de pura bondade. A culpa logo esvaiu do seu coração, assim como o sangue vazou do pai daquela família. Libertou-se da bola de aço chamada consciência. Pagou sua penitência.

Graças ao falso altruísmo alheio, André teve o seu milagre realizado. Para levar uma vida decente a quem amava, pagou o preço de uma bala no coração. Pode-se dizer que aquele homem faminto, atraído por uma única placa luminosa em uma longa rua escura, encontrou sua luz no fim de uma modesta lojinha de conveniências. Dessas que ficam abertas 24 horas.



Onomatopeias Boêmias

M. C. Scorza

Dois amigos estão conversando em um bar, bebendo o néctar dos deuses. Tem que ser em um bar, porque nenhum diálogo reflexivo que mereça ser mencionado começa com um grupo de amigos sem algo para beber, fumar ou comer. Como fumar pode ser prejudicial à saúde e/ou é um ato ilícito, não gostaria que tal atividade comprometesse a integridade e a introspecção dessa conversa seríssima, que será transcrita a seguir.

Assim começa a reflexão:

- Mano! - disse Odilon, depois de terminar seu 9º copo de cerveja - você já pensou nas onomatopeias?
- Quê? Quem são essas? - Respondeu Jubileu.
- Onomatopeias, essas coisas de histórias em quadrinhos do Batman. PAW! PUM!
- Que isso, cara, para de peidar aí... falta de respeito, velho.
- Não! Seu burro, são como os sons são escritos, tá ligado?
- Ahh, sei sei. Tipo o cão que faz: Au-au!
- Isso! - Odilon ficou feliz que Jubileu finalmente entendeu - já parou para pensar qual onomatopeia é a do cavalo? - refletiu.
- Cara, não faço ideia. Seria algo tipo ... Uhrull!
- Não, parece que você está comemorando o próximo copo de cerveja que está chegando.
- Eu estava.
- Ihiihihihihi
- Tá rindo de quê, maluco?
- Não tô rindo, tô tentando imitar um cavalo.
- O cavalo é muito difícil, pula pro próximo.



PROMETHEUS

Cinco canecas depois

- Que som um sapo faz?
- Rabbit?
- Putz, coelho é uma boa, não tenho a menor ideia.
- Que coelho, Odilon?
- Você que disse “Rabbit?”.
- Era o som do sapo...
- Onomatopeias são muito complicadas.
- Uhum.
- Que animal que é esse?
- Eu mesmo Odilon... eu mesmo...

Incontáveis copos de cerveja e alguns ornitorrincos depois

- Não sei os sons que todos os animais fazem - concluiu Odilon - mas eu tenho certeza de que a pessoa que transformou os sons em texto estava completamente bêbada.
- Ahã.
- Que que tem a rã?



Prosa sobre São Pedro

Tiago Gaspar

Adormeço então sentado na areia de São Pedro de Moel caindo como se não existissem músculos no meu corpo. Começa então a crença de que esse mar é sagrado, esse mar que me rouba o coração que me alimenta a solidão provando-me uma vez mais que só a minha alma devo dar ouvidos.

Ondas rebentam, e rebentam outra vez na minha percepção e o cheiro apaziguador desse mar imenso que não conhece fim dentro de mim estilhaça-me na pele com a potência de mil universos.

Esse mar longo, profundo e assustador faz-me sempre lembrar o meu interior, demasiado apegado a qualquer coisa e demasiado afastado de tudo, demasiado perturbado para lidar com o mundo e demasiado mundano para me dissociar do mar.

São Pedro tem um ar de meninos e meninas ricas espalhado pela costa, mas não é isso que me atrai. Atrai-me mais a alma do que o corpo, quando o corpo nada sabe sobre a alma então a delicadeza dessas carícias transformam-se no vazio que guardo hoje numa alma de lacunas que só se vê realizada no mar.

Quando eu morrer não quero cinzas nem caixões, quero o mar de São Pedro de Moel: honesto, nobre, distinto e benevolente.

Não há nada de mais transcendente que adormecer a ouvi-lo, sem saber a sua história ou memória, mas apenas como a manifestação da sua existência, que me envolve nas suas ondas, na magnificência do olhar, acordando num quarto escuro, onde o sol se deleita nas entrelinhas.

São Pedro de Moel é um cemitério e é uma maternidade, e ambas as coisas existem sem separação. O mar tem destas coisas, inspira poetas, com as suas ninfas, lendas, e naufrágios.



PROMETHEUS

É por isso que este mar é como um Deus protetor que reconhece o outro lado do misticismo o abismo, o sofrimento, a dor, os demónios e o horror. Lembra-me sempre um Deus protetor que sabe da existência de todos os males e nos presenteia com a ausência dos mesmos.



PROMETHEUS

Um amante esgueira-se pela rua

André Campaniço

Um amante esgueira-se pela rua em busca do amor que já conhece. Sai de casa num mundo enclausurado por confinamentos e proibições. Pisa o território proibido do ar fresco da noite. Faz uma hora desde que devia estar em casa. Segue em segredo pelas ruas, pela sombra dos candeeiros e pelas ombreiras dos prédios. Que ninguém o veja. Que ninguém o saiba. Que o deixem procurar aquilo que vem a procurar e ter o que anseia. Não é o único incumpridor. Há quem mais o seja. Cruza-se com quem precisa de respirar e sonhar da vida. Os sonhadores não reparam no amante, mas o amante olha cada um deles. Também não deviam estar ali. Deviam estar em casa a sonhar durante o sono e não a fugir dele. Há quem corra, há quem ande, há quem esteja. Cada um corre, anda ou está por aquilo que procura, mesmo que não saiba o que é ainda. O amante sabe o que procura e por isso já não pertence ao conceito de quem sonha. Não que ele não sonhe, mas sonha com clareza e busca o presente. Atravessa ruas, cruza estradas, segue avenidas. Que ninguém o oiça. Que ninguém o sinta. Cruza-se com vigilantes que procuram os desrespeitadores. Foge-lhes sem que saibam que ele lá está. Os vigilantes não percebem aqueles que sonham e aqueles que amam. Querem prendê-los. Não percebem que estes já estão fora das regras do mundo que existe. Vivem noutra reino. No reino sem fim do faz de conta, do ‘podia ser’, do ‘tomara que seja’ e do ‘ainda bem que é, faz-me feliz’. Se os vigilantes os apanhassem, mandavam-nos para casa. Porque confinamentos são para cumprir, quer se ame, se sonhe ou se exista apenas. Porque os vigilantes não compreendem a necessidade súbita de ver outra pessoa ou de absorver a sabedoria noturna. Eles não percebem que estes não querem festas megalómanas nem convívios mundanos. Querem ser na noite aquilo que a vida não lhes permite que sejam de dia. Querem viver como quem vive e não como quem se limita a existir. O destino não está longe. Já se avista o prédio. Já se avista a janela. A campainha toca, o telefone chama, mas



PROMETHEUS

ninguém atende. A janela continua apagada. Não estará em casa? Não quererá vê-lo? Não sentirá a mesma urgência, a mesma aflição? Ele ouve-os ao fundo da rua. Os vigilantes vigiam estes prédios na sua vigília por infratores. Não lhe sobra escolha que não fugir. Fugir pelas sombras, fugir pelas ombreiras, deixar o vislumbre daquelas janelas. Foge com o coração desgostoso de quem foi rejeitado e deixado na noite. Afasta-se do seu destino de volta à prisão que sentia em estar sozinho. Observa os sonhadores e identificasse mais com eles. Agora o seu amor parece platónico e distante. Algo com que possa sonhar e que saiu do universo palpável do desejo concretizado. Reconhece em si próprio o olhar vazio e ausente de quem prefere não estar nesta realidade. Ele sabe em que realidade está. Numa realidade em que a porta foi aberta ou a sua chamada atendida. Passa cruzamentos, salta rotundas, sobe parques. Regressa a casa pelo caminho que fez, refazendo passos em sentido oposto. Tudo é igual, exceto a sua mente que ficou na janela apagada daquilo que desejava. Na distância, vê que a porta do prédio alberga alguém que não devia estar. Pergunta-se se será sonhador ou amante e o que o terá levado a infringir a noite. Aproxima-se e percebe porque é que a campainha não foi atendida e a sua chamada não foi sentida. Percebe o porquê de a janela estar apagada. Afinal, todos os amantes vivem como foras-de-lei quando a restrição é confinar o seu amor.



PROMETHEUS

Deve ser difícil compreender um Poeta, se nem eles se compreendem uns aos outros

Sofia Estopa

Madrugada, ainda acordado, a insónia chega. Sentado à secretária, lusco-fusco passado, meio tom de soturnidade. Tédio do que foi, mão cravada em madeira barata, caneta pouca para alma tão funda.

3 da manhã, o dia vai longo. Sem algo que lhe sirva de inspiração, dirige-se à janela aberta ao fundo da sala. A noite nem está fria, mas também não está agradável. Os olhos ardem numa substância de clamor. Já não se encontra ali. 3 segundos e mais $\frac{1}{4}$ é a fração exata de Tempo que demora a partir da janela ao Passado. Pudessem ele pagar a alguém para que lhe limpassem o Pó à alma como se faz à prateleira da estante que jaz ao fundo da sala...

As paredes da casa em frente observam-no tão frias, tão cheias de nada. Permanece inerte, suspira, encosta o cotovelo ao rebordo da janela. Está tudo estragado, vende-se um homem em plena rua com as mãos na algibeira. Não se vende, doa-se. Oferece-se despojado. A luz que lhe cobre o rosto ao mesmo tempo o consome. Espere-se. Escorre uma lágrima seguida de mais 3 ou 4. Não as contei, mas vi que chorava. Não foi exato.

Levantou-se da cadeira junto à secretária, dirigiu-se à janela, olhou o céu daquela noite para lembrar o céu de outrora. Deixou-se cair sobre o parapeito como se ali fosse tudo. No que pensava, eu não sei. Para onde foi, confesso que tive uma certa curiosidade em desmistificar, mas não me esforcei para o enfatizar. Segundos rasos e deixou o transe, passou a palma da mão sobre a face e, em seguida, serviram-lhe as calças de enxuga vergonha. Ninguém que acabe de chorar quer sair à rua e gritar, eu chorei. É pecado fazê-lo, mas é de pecados que está o mundo cheio. Resignou-se, assentiu que sim com a cabeça numa postura introspetiva, mas nula de Ser.



PROMETHEUS

Largou as mãos do parapeito, encruzilhou os dedos. O médio e o polegar tocaram-se harmonicamente. O problema é que tudo ali estava desarmonizado. O soalho de madeira rangeu. Agora, era eu quem já não estava ali. 3 segundos e mais $\frac{1}{4}$ é a fração exata de Tempo que demora a partir do passeio da rua ao Passado. Dois estranhos que se conheceram por 5 minutos que lhes pareceram toda a eternidade. O que temos para hoje?! Para hoje temos solidão de duas almas alheias que se conectaram à distância de 3 segundos e mais $\frac{1}{4}$.

**artigos
de opinião**

/

crônicas



PROMETHEUS

(todos os artigos e opiniões aqui expressas são inteiramente da responsabilidade e autoria de cada autor, pelo que nenhuma remonta uma ideologia ou apologia da revista PROMETHEUS).



O Valor Epistolográfico ¹

Márcio Luís Lima

Quantas cartas receberam ou enviaram (ou escreveram e não enviaram) ao longo deste ano que passou? Certamente esperaram muitas vezes pelo carteiro na janela devido ao ano atípico e à necessidade das compras online, mas rara vez (ou mesmo nunca) essa espera se sucedeu em prol de uma carta.

O estilo da epístola está cada vez mais esquecido. Ainda que alguns acreditem que as mensagens rápidas a possam substituir estão enganados. Basta notar que as mensagens rápidas que enviamos a partir dos nossos telemóveis se assemelham muito à forma como falamos se estivéssemos na presença da pessoa com quem comunicámos (aliás, muitas das vezes conversarmos através de mensagens de voz, vídeos ou fotos, o que retira ainda mais o tom da palavra escrita). O instantâneo do envio/receção coloca-nos sobre um cadafalso – o da ilusão da distância.

Na carta não há presença, nem quem escreve está perto de quem lê, nem quem lê está perto de quem escreve. O envio e receção requer sempre, pelo menos, um dia ou dois. Já nas mensagens, o estado “online” ou “offline” dão conta dessa presença. As interações curtas, rápidas e constantes não criam o espaço que a carta cria – por exemplo, o espaço geográfico. Sentimo-nos a um clique da pessoa, ainda que essa esteja do outro lado do mundo, e porquê? Porque estamos mesmo à distância de um clique.

O corretor automático inibe a revisão detalhada daquilo que se vai escrever, a rapidez de resposta evita os mal-entendidos, etc.; em suma, a mensagem é fria, distante, ainda que nos pareça o contrário. Posto isto, não acho que as mensagens sejam um avanço negativo

¹ Publicado originalmente em:
“Comunidade, Cultura e Arte”



PROMETHEUS

da nossa geração, muito pelo contrário. Parece-me até que tudo o que salientei são aspetos positivos e que vieram trazer progresso no desenvolvimento social.

Mas deverá a epístola ser esquecida em prol da mensagem rápida? Não!

Tenho lido algumas obras de correspondência, como por exemplo as cartas entre Hannah Arendt e Martin Heidegger, ou entre Paul Celan e Ingeborg Bachmann, ou Luiz Pacheco e João Carlos Raposo Nunes, as cartas de Rimbaud, entre outras. Denoto o valor que a carta tem e rapidamente percebo que a mensagem rápida não chega perto disso. Não consigo imaginar, por exemplo, uma obra composta por mensagens rápidas.

Mas que valor podem ter as cartas para uma geração como a nossa, que cada vez mais parece autónoma em relação às mesmas? Parece-me que a epístola adquiriu um valor maior – sendo escassas, são utilizadas ou redigidas numa forma silenciosa: numa tentativa de expressar aquilo que discurso não consegue. Como se de um silêncio dactilografado se tratasse. As entrelinhas dos sentimentos quotidianos, o expressar dos sentimentos, o relato das dores pessoais ou sociais. Se a carta não for enviada torna-se muito semelhante à página de um diário. Só quando é partilhada, quando é remetida a outrem, é que o silêncio se faz escutar.

Penso que é possível recuperar o estatuto da carta, mas de uma maneira totalmente diferente, como uma progressão. Ao remeter à pessoa que lê o silêncio de quem escreve, é possível que ambas se encontrem *tête-à-tête* perante uma distância abismal. Ao ler uma carta, em pleno século XXI, nunca se regressa da mesma maneira à qual nos dirigimos antes de ler, há uma consequência da sua leitura – esta consequência é agora mais acentuada.

No tempo em que as cartas vigoravam para tudo, desde trabalho, convenções sociais, amor, amor em sigilo, despesas, postais rápidos, memórias, etc., o seu valor era mutável e banal. Agora, numa Era praticamente virtual, onde tudo o que mencionei aos poucos se vai integrando nessa esfera, resta-nos a profunda sinceridade – a entrega completa e sincera de cada palavra redigida.



À beira do Admirável Mundo Novo

Beatriz Rodrigues

Preocupantemente, como anunciara Aldous Huxley, emergem novas formas de controlo e manipulação que assentam na tecnologia, novas ferramentas que sustentam o autoritarismo e às quais se continua a fechar os olhos, a fingir que não se vê ou não se vê mesmo. Já em *1984*, George Orwell nos demonstrava o perigo do avanço tecnológico com o célebre telecrã (mecanismo de vigilância) mas é essencialmente, em *Admirável Mundo Novo* que Aldous nos apresenta, verdadeiramente, o preocupante resultado do progresso tecnológico ao serviço do autoritarismo.

Neste livro, Huxley idealiza uma sociedade do futuro, apresentando ao leitor dos anos 30 do século XX, num período de emergência dos nacionalismos exacerbados, o perigo dos autoritarismos num futuro de grande progresso tecnológico. Publicado em 1932, pouco tempo antes de Hitler alcançar o poder do Reich, Aldous emitia ao mundo um alerta para o autoritarismo, manipulação, persuasão, controlo, opressão e vigilância socorridos na tecnologia do futuro. Era então um grito alarmante de consciencialização após a constituição do Fascismo Italiano e à medida que o Fascismo Alemão se edificava.

Preditor dos regimes autoritários crescentes no mundo tecnológico, este apresenta uma Sociedade onde os pilares tradicionais dos Regimes autoritários se aperfeiçoam com o recurso à tecnologia, permitindo manter a população oprimida e manipulada com o controlo de mentes por meio de manipulação genética, alcançando, então, a uniformização de pensamentos e comportamentos dos indivíduos. Em consequência, lograra-se uma identidade única, rejeitando a individualidade, o pensamento livre, a opinião pessoal, a consciência crítica e a liberdade de escolha, vigorando, em oposição, um pensamento comum e uma obediência cega, permitindo, assim, assegurar a estabilidade desse Regime. Por outro lado, quando emergiam pensamentos desviantes ou emoções e ideias obscenas



PROMETHEUS

dispares do ideal do regime, recorria-se ao “soma”, a droga da sociedade e a arma da ilusão do Regime que permitia manipular e, assim, manter a população estabilizada e controlada.

Neste novo mundo idealizado por Huxley, não há seres individuais, pensantes e conscientes, mas sim programados, robôs humanos condicionados e automatizados cerrados nas malhas de um profundo estado autoritário. Em boa verdade, apesar da componente fictícia, esta obra à semelhança de 1984, demonstra o perigo do autoritarismo no futuro onde a tecnologia funcionará ao seu serviço, permitido sustentar o Regime, a título de exemplo, proporcionará mecanismos de vigilância constantes e eficazes que, por um lado, permitem controlar em tempo real os indivíduos e, por outro, incutem o medo, levando a um autocontrolo e repressão de comportamentos.

Na contemporaneidade dos nossos dias, com o mundo cada vez mais desenvolvido, a tecnologia serve o autoritarismo que avança a passos largos. Caminharemos, então, para um admirável mundo novo? Com o olhar sobre a realidade, pergunte-se, estaremos longe da sociedade distópica idealizada por Aldous Huxley ou estaremos exatamente lá?

Atualmente, observamos algumas semelhanças entre o regime despótico e a realidade de regimes autoritários vigentes. Volvidos os anos após a publicação de Admirável Mundo Novo, foram muitos os rumos que o nosso mundo tomou, desfizeram-se estados autoritários, assistiu-se à vitória das democracias, observou-se o regresso do autoritarismo e a democracia voltou a entrar em colapso. Segundo o relatório anual de *Freedom House*, 2019 foi o 14º ano consecutivo em que se assistiu ao retrocesso da democracia, crescendo o despotismo perante a democracia em retirada. Regista-se, por conseguinte, violações às liberdades de manifestação e protesto, de informação e de pensamento, restrições ao sufrágio universal e manipulação eleitoral, intolerância religiosa, repressão e censura alicerçados num forte controlo e vigilância estatal.

Setenta e sete anos depois da destruição dos principais regimes fascistas, a Europa encontra-se novamente em estado de alerta com a ascensão da extrema direita alavancada na emergência da onda populista, que tem conseguido alcançar uma crescente visibilidade na cena política. Mais uma vez, a democracia encontra-se ameaçada pelos ventos do



PROMETHEUS

fascismo e basta recorremos à história do século XX para assinalar as parecenças entre o ambiente sociopolítico onde prosperou o fascismo nos anos 30 e o atual ambiente que cria um clima propício a ascensão da extrema-direita (insegurança, ódios, discursos populistas, instabilidade política, descontentamento, afastamento dos cidadãos das urnas, descrença no regime democrático, falsas esperanças alimentadas pelo descontentamento da população).

Deste modo, a sobrevivência da democracia depende dos cidadãos que a compõe, depende do seu espírito intrépido ou do seu estado apático descrente, depende da fuga às malhas da manipulação e persuasão preconizadas por discursos populistas ou da entrega a este manto de manipulação.

Em Portugal, quarenta e cinco anos após a institucionalização da democracia e instauração do sufrágio universal, urge lutarmos pela sua preservação o que se traduz em usufruir dos nossos direitos, neste caso, o direito ao voto. É imperioso tomar uma atitude democrática e conscientizarmo-nos da importância do voto num estado de Direito de modo a afastar estes ventos do fascismo que sempre assombram a democracia. É necessário despertar do estado de letargia e conscientizarmo-nos que a democracia não é um regime fixo, duradouro e estável, quer isto dizer que, não viveremos perpetuamente em democracia adotando uma posição apática e descartando as nossas funções e deveres de cidadão, ignorando a importância do nosso papel ativo para o sistema político. Em oposição a vários países que enfrentam o autoritarismo, Portugal ainda é um regime democrático, dependendo do nosso comportamento como cidadãos ativos preservá-lo e combater a onda populista de extrema-direita.



Amém à Sociedade Suja

Sofia Estopa

A importância de não querer saber de nada é um misto de quente e frio. Um toque de morno e é assim que estamos bem, porque os extremos são pesados e desaconselhados, desajustam o equilíbrio e são até alvo de confusão. Todavia, o meio termo nem sempre é eficaz e, muitas vezes, é ele mesmo o amigo que luta discretamente na facção oposta, enquanto nos dá umas palmadinhas de conforto nas costas.

Ainda a missa não terminou já a procissão saiu do adro. Amém à Sociedade Suja. Ninguém ouviu, pelo menos não como se queria. São demasiados os devotos. Nestes termos, é difícil ouvir clara e puramente aquilo que se quer dizer. Não sabem nem questionam, alguém assim escreveu e disse. Façamo-lo, é assim que manda a Tradição. Segue a procissão com o andor de proa em riste, acompanham-no os crentes. Parte deles nem sabe todas as rezas e faz um brilhante número ao decretar palavras entre murmúrios vagos. Não sabem o que dizem, mas estão em multidão e estão eles integradíssimos. Vejam que no meio de tanta gente ninguém vai dar conta que um qualquer indivíduo ainda não encontrou tempo para decorar todas as rezas. Vejam bem que nos diz ele que reza todas as noites. Desconhecemos nós que ele nada sabe, somente vai tentando mexer os lábios em tom confuso, entre cânticos e canções, enquanto se move a procissão. Acompanha o passo dos demais, olha em volta desconfiado. Vezes tantas que já se questionou porque está ali, mas permanece.

A melhor e mais concreta opinião que aqueles que sentem a importância de não querer saber de nada é a de concordar. Concordam com aquilo que lhes soa prudente à sua estabilidade una e individual. Consta que nem sempre assim o são. Santo Deus, não pensemos que eles são assim tão egoístas. De quando em vez, agitam-se e felizes se sentem, porque sempre acham que mudam alguma coisa. Agitam-se sempre que o ato



PROMETHEUS

de concordar lhes pareça desfavorável. Então, procuram uma solução credível e eficaz com a qual concordariam se pronunciada por uma outra boca qualquer. Terá é que o ser nos mesmos termos e condições que lhes permitam, mais tarde e prontamente, proferir murmúrios fingindo saber de cor a oração. São esses Seres que creem na importância de não querer saber de nada que dão o Amém à Sociedade Suja. Que Deus os abençoe, porque eles realmente precisam e *Pedoa-os Senhor, porque não sabem o que fazem.*

texto de

/

crítica



PROMETHEUS

Perferia não o fazer.

Márcio Luís Lima

(“Bartleby, o Escrivão”
de Herman Melville)

Herman Melville. Principiei a leitura deste autor por onde maior parte começa – “Bartleby, o Escrivão” (ed. Relógio D’Água, Abril de 2015). Um livro curto, numa edição de bolso, com cerca de quarenta e duas páginas de texto bruto. O tamanho permite a sua leitura em pouco mais de duas horas. “Ah, Bartleby! Ah, humanidade!” finda assim o livro, mas poderia muito bem começar com a mesma frase.

A história é narrada por um advogado de *Wall Street* que é também patrão de Bartleby. Este relato, que inicia como conto banal, simples, torna-se progressivamente cada vez mais absurdo. Ao contrário de obras como “A Metamorfose” de Franz Kafka, que nos entrega todo o absurdismo da obra logo nas primeiras páginas e gradualmente nos habituamos. Ou, por exemplo, “O Estrangeiro” de Albert Camus, que nos ataca nas últimas páginas com todo o absurdismo e até lá segue um ritmo normal. Com esta obra curta de Melville, o absurdo sobe gradualmente a cada página sem nunca se tornar banal ou habitual ao leitor, aliás, provocando até um ligeiro desconforto.

“Imaginem a minha surpresa, ou melhor, a minha consternação, quando Bartleby, sem sair do seu retiro, e num tom de voz singularmente brando mas firme, me respondeu, «Preferia não o fazer.»

Eu fiquei por um instante em perfeito silêncio, tentado recuperar da minha perplexidade. A primeira coisa que me ocorreu foi que tinha ouvido mal, ou que Bartleby não compreendera o que eu lhe tinha dito. Repeti o meu pedido no tom mais claro que foi possível. Mas, num tom igualmente claro, ele reiterou a sua resposta, «Preferia não o fazer.»

«Preferia não o fazer», repeti eu, enervado, enquanto me levantava e cruzava a sala com grandes passadas. «Que quer dizer com isso? Enlouqueceu? (...)» (pág. 17)



PROMETHEUS

Num altura em que vivemos tempos cada vez mais anómalos, com uma certa “neblina” na frente dos nossos olhos e em constante pesar na nossa mente, ou até por vezes sem relembrar a ordem cronológica dos acontecimentos, este pode ser um livro para tomar a consciência de habitamos numa realidade assim. Não se sabe ao certo porque é que Bartleby se recusa categoricamente e sem explicação a executar simples tarefas. Aliás, nada se sabe de Bartleby. Do mesmo modo, muitas vezes também já nos vimos em situações em que não compreendemos ao certo porque é que fazemos o que fazemos. Podem até ser pequenas coisas, como por exemplo levantar do sofá da sala para ir à cozinha e quando lá se chega não recordar o motivo. Ou até coisas maiores, o esquecimento de datas ou acontecimentos importantes que quando buscamos no arquivo memorial do nosso cérebro parecem ter sido delatados à força.

Como se trata de um livro pequeno, não há forma de “esticar” muito mais a crónica. Resta-me então deixar o conselho para a leitura desta obra. Não se trata de um livro poético ou adornado com grandes adjetivos, simbolismos especiais ou coisas do género... é antes uma obra direta sem que jamais se desvele o mistério.



Como inverter uma esfera?

Márcio Luís Lima

(“Esfera Invertida”
de Bruno Barbosa)

Bruno Barbosa escreveu alguns dos melhores poemas publicados na revista PROMETHEUS (nas edições número seis e sete). Nesta obra (que o autor me fez chegar às mãos) “Esfera Invertida” (ed. sem nome, 2020) segue a mesma linha e estilo de poesia. A par da sua voz poética estão ainda ilustrações bastante características, tanto na sua obra como nas publicações que fez na revista. Apesar do arranjo gráfico da obra estar com uma ótima qualidade, achei uma desvantagem não estar paginada. Ainda que talvez o seja assim pela alusão esférica no seu contexto, penso que não perderia nada (até pelo contrário) estar paginado.

“Como inverter uma esfera?” – abre-se assim o livro, com uma questão em tom direto ao leitor e que de seguida prossegue com mais palavras em tom de diálogo: “juntai as mãos em concha, côncavas / de seguida afastai-as, a distância arbitrária / tendes uma esfera em mãos”.

O livro divide-se em treze partes, com uma métrica pouco usual. Nalgumas partes temos apenas um poema, noutras dois, e ainda dezasseis (por exemplo, na parte intitulada de “dispersos fragmentos côncavos”). O que dá uma certa liberdade a ambas as partes, ao autor e ao leitor, uma liberdade que, por exemplo, no último poema obriga o leitor a inverter o livro e chegar-lhe um espelho para o ler.

“este é um livro de fê” pronuncia-se no prefácio. “Oíço os tremores da terra / romperem sob mim / O dito que se agarra / se esteia até ao fim” ou ainda “o silêncio que antecede a alvorada / reflecte sobre si as clarividências da noite / essa não é hora da insónia / é um interregno a chamar-vos / tendes assistido ao erguer do sol (?) / aquele momento em que tudo gela / antes do raiar / há um equinócio por acontecer” são alguns dos exemplos que marcam um certo simbolismo por parte de B. Barbosa.



PROMETHEUS

O que me agrada neste livro, no estilo de escrita do autor, para além da pouca ortodoxia estética dos poemas (isto é, não seguem a típica formatação estética dos versos), é também o escape dos temas habituais na poesia mais contemporânea portuguesa. Barbosa não busca um quotidiano banal com cigarros e café, ou corações partidos, como seria de esperar na poesia mais recente, nem se vela de referências típicas. Abre antes um novo espaço poética, através do simbolismo e de uma voz caracteristicamente sua.



“Diários” de Virginia Woolf

Carolina Almeida

Virginia Woolf, uma escritora inglesa que revolucionou a escrita e que trouxe ao mundo da escrita um novo olhar. Mas o que podemos dizer sobre os diários escritos por ela e sobre a vida dela?

Virginia Woolf é excelente em termos de descrição do espaço que a rodeia e torna os detalhes mais mundanos em algo belo e interessante, “Uma pessoa vê sempre a alma através das palavras” – Virginia Woolf, *Diários 1915-1926*, página 298. A escrita da autora é envolvente apesar de ficarmos a flutuar no meio das suas divagações habituais.

Muitas vezes entre as diversas passagens dá-se um grande espaço temporal nos diários, ficamos com meses de vazio sobre o que aconteceu naquela altura, ainda assim ganhamos conhecimento sobre a vida íntima e da vida envolvente de uma maneira excepcional e única. Dá-nos uma verdadeira imagem do que era ser escritor e viver numa época em que se atravessou alguns dos períodos mais difíceis da história. Mostra-nos a vida naquele tempo e como era as interações e intrigas do grupo Bloomsbury, um círculo de intelectuais notáveis dos quais fazia parte Virginia Woolf, Leonard Woolf, Lytton Strachey, Vanessa Bell, Roger Fry entre outros. Um grupo que na época gerava muita controvérsia na altura. “(...) tenho estado com a Marie Stopes, a princesa de Polignac. O Philip e a Pippin, e o Dr. Freud nestes últimos três dias.” – Virginia Woolf, *Diários 1915-1926*, página 406.

Temos graças a estes diários, passagens recorrentes sobre autores, artistas e críticos que passaram pela vida de Virginia Woolf, mesmo que tenha sido brevemente. “Não, o Lytton não gosta de Mrs. Dalloway, e, o que é estranho, gosto muito mais dele por tê-lo dito, e não me importo muito.” – Virginia Woolf, *Diários 1915-1926*, página 405.

Estes diários dão-nos uma visão única que deve ser apreciada, e um bom entendimento do que era a vida dela, medos, angústias, alguns dos pensamentos mais íntimos sobre



PROMETHEUS

de tudo um pouco. Conseguimos perceber a luta de Virgínia com a sua doença, as suas fragilidades e o relacionamento com Vita e a inspiração para vários dos seus mais notáveis livros. “(...) uma biografia, a começar no ano de 1500 e continuar até aos dias de hoje, chamada Orlando: a Vita; só que com a mudança de um sexo para o outro.” – Virginia Woolf, *Diários 1915-1926*, página 30.

Estes diários são uma leitura obrigatória para quem quer entender melhor Virginia Woolf e as suas obras, uma leitura que também recomendo para quem gostar e apreciar de grandes clássicos. Aqui observamos o evoluir da editora, o evoluir da sua escrita e o evoluir de Virginia Woolf até ao final da sua prematura morte.

**ficha
técnica**

/

autores



PROMETHEUS

Revista Prometheus

ig: @a_revistaprometheus
arevistaprometheus.wordpress.com
facebook.com/arevistaprometheus
arevistaprometheus@gmail.com

Márcio Luís Lima (fundador e editor)

ig: @marcioluislima
becodapedrazul.wordpress.com
facebook.com/marcioluislimawriter
marcioluislima.01@gmail.com

Rodrigo Antas (co-fundador e co-editor)

ig: @rodrigobacalhau

Joana Carvalho (design editorial / paginação)

ig: @jc_oak
dcm.etic.pt/2020/joana-carvalho
jcontreirascarvalho@gmail.com



PROMETHEUS

Leonor S. Ferreira

ig: @marial.eonor

M. C. Scorza

ig: @mau.campos

Tiago Gaspar

ig: @lirisaint

Albano Coelho

ig: @jc_oak

Carolina Gramacho

ig: @carolinagramacho

Carolina Almeida

ig: @carolinamariaalmeida
@callisto_1610

Rafael Jesus

ig: @rafael__jesus__

(apenas se encontram aqui os autores que identificaram as suas redes sociais.)

PROMETHEUS